

O Jardineiro

O jardineiro desta história não sou eu. Sou livreiro, dono de uma pequena livraria, quase falida. Como as vendas andam poucas e os credores numerosos, gasto meu tempo em leituras e às vezes também em andanças pelas imediações, atrás de novidades interessantes e pegando conversas aqui e ali. É que de tanto ler e trabalhar com livros, fico caçando histórias e às vezes me dá vontade de escrever também, como faço agora. Dias atrás, andando aqui pelo pedaço, escutei conversas que me deixaram curioso. Os frentistas do posto de gasolina e a velhinha de aventalzinho xadrez pareciam bem preocupados com um meio mendigo, morador de rua esfarrapado e sujo, que aparecera por aqui. O cujo insistia em medir, sinalizar e escavacar o gramado defronte ao condomínio de apartamentos do outro lado da rua.

Gente assim normalizada talvez até tenha razão em não entender o que via. Mas mesmo para mim, que gosto de ler e estou acostumado com tipos estranhos, nos livros pelo menos, achei aquelas conversas bem curiosas, ao tratarem de um tipo tão estranho. Vejam só...

- Viu só a pinta do cara que agora faz ponto ali no gramado?

- Não tinha visto ainda. Fala daquele deitado na sombra do jamelão?

- Sim, aquele mesmo, sujo e mal arrumado como ele só – e fedido...

- Cruzes! De onde será que aparecem umas figuras assim? Será que caem de algum caminhão de lixo?

- Faz duas semanas que está aí. Não tem cara de fazer mal a ninguém. Mas tem um jeito estranho.

- É esquisitão mesmo, ainda mais com este cheiro e estas roupas esfarrapadas.

- Sei lá o que é isso... O sujeito passa o dia tomando medidas com um bastão e um pedaço de corda. Anda pra lá e pra cá, como se fosse um mestre de obras ou coisa assim. E vai fintando aqui e ali uns paizinhos.

- É cada um que aparece... Lembra daquele que ficou ali mesmo por uns tempos, com uns vinte cachorros ao redor dele? Até chamaram a assistência social. Porque a cachorrada encheu isso aqui de pulgas e até mesmo um vira-lata andou mordendo gente. Depois disso veio até a carrocinha – e fui um fuzuê de primeira.

- Espia agora, arranjou uma enxada velha e começou a fazer buracos. Desde ontem começou com isso.

- Dá licença, moço... Vai completar o tanque freguês, quer que olhe a frente?

- Ok, beleza, até mais!

- Meu filho, inda que mal lhe pergunte: o que você está fazendo aí?

- ...

- Não quer responder? Melhor que você me esclareça... Faço parte da administração daqui da quadra e sei que não é permitido gente dormindo debaixo das árvores e ainda mais fazendo buracos na grama. Melhor você explicar para mim antes que...

- ...

- Não quer falar nada e ainda vai me dando as costas... Olha que você vai se arrepender!

- *Jardim. Um jardinzinho só...*

- *Você está querendo dizer que vai fazer um jardim aqui?*

- *Sinhora sim.*

- *Olha meu filho: este gramado faz parte de um projeto paisagístico, entende? E para todos os efeitos é um jardim; já está pronto!*

- *Inhora?*

- *Vou te explicar melhor: não precisa de ninguém vir fazer jardim aqui, entendeu?*

- *Mas pricisa...*

- *Precisa o quê meu filho? Você parece não entender bem as coisas.*

Afinal, como é que podia um indivíduo como aquele, vindo do andar de baixo da sociedade, parar ali para simplesmente cuidar de paisagismo, pensei eu. Ainda mais em uma cidade que é considerada exemplo mundial em tal quesito?

Eu já havia observado o personagem por algumas vezes e depois de ouvir tais conversas resolvi acompanhá-lo mais de perto, como novidade em um cenário de poucos acontecimentos, entre os quais meus escassos fregueses na livraria. Quem sabe aquele ali não seria portador de algum segredo, que me caberia revelar ou quem sabe descrever, para fazer justiça às minhas pretensões intelectuais, bebidas em Margaret Mead e Agatha Christie, entre outros. Um modo de curiosidade quase antropológico, diria eu. E assim me pus em estado crescente e irrevogável de curiosidade, coisa humana em demasia, *a la Nietzsche*.

Pensei, para início de conversa (ou como ideia guia de uma tese antropológica, sei lá...): o que estaria fazendo ali tal sujeito, que

sentimentos ou desejos de fato o moviam, de onde vinha e para onde iria uma vez completada sua obra? Se é que tinha uma “obra” em mente. Ele já se revelara, nas minhas primeiras aproximações, como indivíduo capaz de demoradas e refletidas observações das coisas que o rodeavam, sendo capaz de ficar longos minutos à sombra de uma espirradeira, para finalmente decidir onde fincaria sua próxima estaca. E cada buraco que cavava era medido e definido topograficamente como se fosse passar por ali uma estrada para o infinito. Apenas um homem comum, porém filósofo, na acepção gramsciana? Ou quem sabe dado a considerações graves, como é próprio de deuses e poetas, ou como se cada pedra fosse todo o universo, conforme Fernando Pessoa?

Era o caso de esclarecer aquilo melhor e logo comecei a aproveitar, para fazer investigações, os momentos em que não havia clientes na livraria – coisa bastante frequente, para meu desgosto. Em tais ocasiões, ficava olhando de longe o personagem, o que me exigia muita paciência, porque ele era de fato pouco dado a circunvagações. Um dia eu o peguei na porta da padaria, onde o proprietário bancava um programa informal de distribuição gratuita de pão dormido. Ali pude ver que esperava calma e resignadamente a sua vez, levando uma latinha de goiabada que lhe servia de prato, na qual recolhia seu pedaço de pão, além de alguma broinha ou pão de queijo, ou o que mais houvesse. Saiu de lá carregando um pacote de leite já previamente avariado, deixando pingar o líquido pelo chão, sem se abalar. Rumou então para seu cantinho, na sombra de um jamelão e ali comeu sua porção, mastigando com delicadeza e sem nenhuma pressa, como se aqueles restos amealhados na padaria fossem manjares formidáveis. E de costas para passantes, fazendo do ato de se alimentar um ritual exclusivo e vedado aos demais. Uma vez alimentado voltou ao seu mister: observar, medir, estaquear, observar, fazer buracos, observar, estaquear...

Minha curiosidade dava saltos ao ver os buracos feitos laboriosamente por ele, que me pareceram, em um primeiro momento, ter destino ocioso. Mas não era bem assim, pude perceber em seguida. Ele fazia

incursões em terrenos vizinhos, ou mesmo mais remotos, de lá trazendo ramos diversos, que ia fincando na terra solta dos buracos, com precisão e método, pois frequentemente se detinha a observar longamente, cobrindo os olhos dos raios do sol, o alinhamento ou a estética do que acabara de plantar. Sim, porque aquilo tinha todo o jeito de um plantio, embora eu tivesse dúvidas se toda aquela ramagem colhida a esmo, seria de fato viável para brotar no terreno seco. Para completar, trazia pedras, cacos de tijolos ou pedaços mais grossos de madeira, para delimitar cada uma de suas covas, construindo montinhos desorganizados aqui e ali. Não contente, ainda fincava umas varetas adicionais, às vezes até pedaços de móveis velhos e barras de ferro enferrujadas e quebradas, achadas no lixo, ao que parece tentando criar uma barreira de proteção para suas plantas.

Em um sábado resolvi não abrir a livraria, para segui-lo mais de perto. Por azar, ele não apareceu, nem no jamelão, na espirradeira ou alguma de suas sombras habituais. Na padaria também não estava, mas dei de cara com a senhorinha, com a qual eu tinha presenciado aquela conversa meio ameaçadora uns dias antes. Eu a conhecia superficialmente, talvez de alguma passagem dela pela livraria ou mesmo dali da padaria mesmo, onde eu costumava tomar um café antes de abrir meu boteco livreiro. Resolvi abordá-la, falando do personagem e inquirindo-a sobre sua impressão sobre o mesmo, como se eu também estivesse desconfiado de seu comportamento. Fiz isso para deixar a mulher à vontade, e parece que funcionou, pois ela me despejou uma longa arenga sobre o que considerava como uma invasão da nossa cidade e particularmente de nosso bairro por parte do que denominava de “uma horda de gente desqualificada”, lamentando que o governo ou a polícia não tomassem providências quanto a isso.

Eu nem argumentei. Aliás, não encontrei o que dizer a ela e, além do mais, aquilo não aliviava em nada a minha curiosidade de antropólogo amador, apenas adicionava ingredientes ao cenário de preconceitos e senso comum com qual eu já estava acostumado a conviver, na família,

entre alguns dos clientes da livraria e mesmo por parte de alguns amigos menos próximos.

Pensei comigo: quem sabe os frentistas do posto de gasolina teriam alguma informação adicional sobre o misterioso jardineiro? Eu já conhecia a turma dali, por abastecer meu Fusca semanalmente e até por trocar com eles, lá uma vez ou outra, informações sobre futebol e outras banalidades.

- *Vocês viram o jardineiro do gramado ali de frente por aí hoje?*
- *Jardineiro? Tá falando daquele mendigo que fica por aqui?*
- *Sim ele mesmo.*
- *Eu não vi, doutor. Você viu Severino?*
- *Parece que sumiu por esses dias, às vezes faz isso. Costuma ficar até quatro ou cinco dias fora daqui, mas sempre volta.*
- *O que vocês sabem sobre ele?*
- *Ah quase nada... O cara parece meio misterioso...*
- *Ele já conversou com vocês?*
- *A bem dizer, não. Fala umas coisas que ninguém entende.*
- *Mas mudo ele não é...*
- *Não é mudo não. Eu já vi ele falando com árvore e até com as curicacas que chegam até aqui no final da tarde. E olha que parece que sabe conversar também como gente normal. Como se perguntasse e respondesse, pois de vez em quando fica calado, como se estivesse ouvindo o que outra pessoa diz.*

- Ele veio aqui no posto alguma vez?

- Muito raro... Já veio para usar o banheiro um par de vezes, mas o gerente proibiu de entrar. Disse que pegava mal para a empresa. Mas a gente já viu, de madrugada, ele tomar banho numa mangueira que fica aí à disposição dos motoristas. Esses banhos não adiantam nada, porque ele veste sempre a mesma roupa, encardida e fedorenta que só.

- E amigos, visitas... Alguém com jeito disso por aqui?

- Gente e suja e esfarrapada como ele não, com certeza. O cara é muito solitário.

- Nada mesmo?

- Ah, tem a mulher que vem de vez em quando, pela noite.

- Contem como é isso!

- É tipo madame, vem de carrão, até com motorista. Chama ele, acho que é Alberto o nome, e ele custa a aparecer, parece que tem má vontade com ela, mas acaba vindo. Às vezes o motorista vai atrás e traz ele, na base do convencimento.

- Que história hein, conta mais...

- Não acontece nada de especial. Ela traz uns pacotes, parece que de comida. Ele come um pouquinho e dá o resto pros pombos. Roupas também, mas isso aí, se ele usa não sabemos. Ou então amarrota, rasga e suja bastante antes de vestir. O bicho é doidão demais, doutor...

- Legal! Completam o tanque. O troco fica pra vocês!

Caramba, aquilo era um caso e tanto!

Passados uns dias, ao chegar na livraria, pudevê-lo novamente. Parei bruscamente o Fusca, quase o deixando no meio da rua e me aproximei dele. Andrajoso como sempre, mas com a diferença agora de que usava uma espécie de jaqueta militar, pois o tempo andava frio. Até parecia elegante, não fossem os farrapos sujos por baixo do casaco e aquela gaforinha mal penteada e mal lavada. Saudei-o; não respondeu. Perguntei se gostaria de conversar comigo um pouco. Redarguiu com um muxoxo de indiferença. Quis saber de seu nome e nada me disse. Acompanhei-o até o jamelão, em cuja sombra ele havia guardado alguns ramos recém colhidos e a ferramenta de trabalho, nada mais que uma simples enxadinha. Acompanhei-o, agora em obsequioso silêncio, mas o que ele fez foi afastar-me com as mãos, em gesto impaciente de quem não queria conversa.

- Melhor deixar para outro momento – pensei – não deve estar de boa veneta hoje.

Não houve outro momento. Deixei devê-lo por ali vários dias até que percebi uma movimentação diferente no seu território de ação. Havia homens uniformizados, com um pequeno trator e ferramentas de mão. Pelo uniforme, vi que eram empregados do condomínio. Boa parte dos montículos com suas pedras, entulhos e gravetos já havia sido aplanada e ajuntada para remoção. As árvores em que ele costumava se abrigar e onde mantinha guardados alguns trapos e utensílios tinham passado por uma poda e limpeza radical do chão em sua sombra. Um dos montículos da remoção mostrava algumas das peças assim recolhidas, com roupas, latas, garrafas, além da enxadinha. Nenhum sinal da pessoa do jardineiro, a não ser por tais despojos recolhidos no terreno.

Certamente ele voltará – pensei. Mas isso não ocorreu depois de muitos dias de espreita minha. Os frentistas, indagados, disseram tê-lo visto de

relance, andando de um lado para o outro, coçando a cabeça. Depois, sumiu.

O síndico do condomínio foi ágil em sua missão. Demolidos os montículos, mandou podar a grama bem rente e a replantar nos lugares de que tinha sido retirada pela plantação infrutífera. E tudo voltou ao normal de sempre naquele terreno, agora liso e sem imprevistos. Assim como a vida das pessoas em seu entorno.

E ele, o jardineiro persistente e dedicado, por onde andaria? Teria ido procurar outros lugares com pessoas mais receptivas? Ou menos curiosas? Mudou de cidade por rejeitar aquela gente indiferente, que não soube lhe reconhecer o esforço e as qualidades de paisagista? Teria finalmente se rendido à vida que a mulher bem vestida talvez lhe permitisse? Ou, quem sabe, resolveu se dedicar a outra profissão?

Jamais pude responder essas questões. Minha tese antropológica parou por aí. Além do mais, tive que fechar a livraria e entregar o ponto. Parei de frequentar o pedaço e não tive mais notícias daquele homem, mas sempre que passo por um terreno descampado dou uma conferida para ver se o vejo. Em vão.

Uma história sem nexo, esta – eu acho. Mas o certo é que a cada dia que passa vejo que o caldo da vida também não tem muito sentido. Aliás, isso nada mais é do que uma mixórdia de mistérios, incompreensões, frustrações, derrotas. No meio de tudo isso uma gente ignorante, jejuna de leituras e de humanidade, mas também, algumas vezes, indefesa e incompreendida. O pouco que soube deste pobre homem me permite colocá-lo em um cruzamento no qual a miséria e a incompreensão são redimidas por de uma cada vez mais rara sensibilidade. Um diamante em meio ao cascalho bruto.
